

**A CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO IV CENTENÁRIO EM ALGUMAS  
PÁGINAS LITERÁRIAS**  
THE CITY OF RIO DE JANEIRO IN THE FOURTH CENTENARY IN SOME  
LITERARY PAGES

**VICENTE SAUL MOREIRA DOS SANTOS** | Historiador, doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC-FGV.

**RESUMO**

Este artigo aborda a cidade do Rio de Janeiro por ocasião da comemoração dos seus 400 anos, em 1965, algumas produções editoriais referentes e, especialmente, o livro *O Rio de Janeiro em prosa & verso*, organizado por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, lançado pela editora José Olympio.

*Palavras-chave: Rio de Janeiro; comemorações; produção editorial.*

**ABSTRACT**

This article focuses on city of Rio de Janeiro on the occasion of the commemoration of its 400 years, in 1965, on some related editorial production, and, more particularly, on the book *O Rio de Janeiro em prosa & verso*, organized by Manuel Bandeira and Carlos Drummond de Andrade, released by the publisher José Olympio.

*Keywords: Rio de Janeiro; commemoration; editorial production.*

**RESUMEN**

Este artículo se centra en la ciudad de Río de Janeiro por la ocasión de la conmemoración de sus 400 años, en 1965, y en parte de la producción editorial relacionada a ese evento, especialmente el libro *O Rio de Janeiro em prosa & verso*, organizado por Manuel Bandeira y Carlos Drummond de Andrade, publicado por el editor José Olympio.

*Palabras clave: Rio de Janeiro; conmemoraciones; producción editorial.*

## RIO DE JANEIRO E O SEU IV CENTENÁRIO (1965)

A comemoração do aniversário de quatrocentos anos de fundação da cidade do Rio de Janeiro ocorreu no dia 1º de março de 1965. Permitiu que seus contemporâneos se juntassem para selecionar o que devia ser lembrado e também o que devia ser esquecido. O mercado editorial publicou ou relançou relevantes obras sobre a cidade, como a antologia *O Rio de Janeiro em prosa & verso*, organizado por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Essa urbanidade estava vivendo desde 1960 a situação de ter deixado de ser a capital da República e se tornado capital de um novo estado da federação – o estado da Guanabara.

A vitória eleitoral de Juscelino Kubitschek para presidente da República em outubro de 1955 foi crucial para a história do Brasil e da cidade do Rio de Janeiro. Durante seu mandato, foi implementado o Plano de Metas, no qual a transferência da capital federal para Brasília representava a *meta-síntese* da política governamental. No contexto desenvolvimentista e de busca pela modernização, manteve-se o otimismo patriótico e o crescimento econômico proporcionado pelas iniciativas governamentais.

A confirmação da mudança da capital durante o governo de Juscelino Kubitschek trouxe para a cidade do Rio de Janeiro um dilema. Qual e como seria definido seu futuro? A opção evidenciada pela documentação indica que foi buscada uma conciliação com sua tradição e capitalidade exercida desde o período colonial, passando pela instalação da Corte em 1808, sendo o principal centro político do Império (1822-1889) e da República até, pelo menos, meados do século XX. Esse contexto dos primeiros anos da década de 1960 foi marcado pela “redefinição de uma identidade, não só para o Rio de Janeiro, que deixava de ser a capital, mas também para o Brasil, ameaçado de perder a sua vitrine, tão cuidadosamente inventada e reinventada, por meio de propostas distintas que disputaram espaços através do tempo” (Motta, 2001, p. 63).

Devido à inauguração de Brasília, em abril de 1960, a cidade do Rio de Janeiro, até então Distrito Federal, foi transformada no estado da Guanabara.<sup>1</sup> O embaixador Sette Câmara foi indicado como governador interino, permanecendo até a posse do representante eleito, Carlos Lacerda. Embora a Constituição de 1946 indicasse que após a transferência da capital, a cidade se transformaria numa nova unidade federativa, esse processo foi lento e envolveu longo debate político sobre o futuro do Rio. Vale lembrar as 32 reportagens publicadas em 1958 pelo jornal *Correio da Manhã* intituladas “Que será do Rio?”, além de uma série de artigos e crônicas veiculadas em jornais e revistas sobre o IV Centenário. Elas denotam o interesse da imprensa e da população carioca e reforçam como tais “comemorações, “efemérides”, datas alusivas a episódios considerados notáveis da história permitem refundar, reatualizar identidades, sejam elas nacionais ou locais, oficiais ou privadas, públicas ou pessoais” (Oliveira, 2000, p. 185).

---

1 A mudança da capital federal e a criação do novo estado foram oficializadas pela lei n. 3.752, de 14 de março de 1960.

Entre os símbolos representativos do novo estado cabe ressaltar a definição do hino oficial. O vereador Francisco Sales Neto, da União Democrática Nacional (UDN), apresentou projeto sugerindo a escolha da marcha *Cidade maravilhosa*, de André Filho.<sup>2</sup> O governador Sette Câmara o sancionou através da lei n. 5, de 25 de maio de 1960. Essa escolha não foi unânime, pois essa canção era considerada profana e excessivamente popular.

O Rio de Janeiro mantinha-se como capital cultural do Brasil, mas encontrava-se diante da busca de sua nova identidade após deixar de ser formalmente a capital política nacional. Havia o claro objetivo de reafirmar a Belacap – a Guanabara – em oposição a Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital, criada em 1956) – Brasília. Paralelamente, o cronista Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto, criou a expressão Buracap, em referência aos buracos que atormentavam e atormentam os cariocas (Mesquita, 2008).

Carlos Lacerda foi eleito o primeiro governador da Guanabara, pela UDN, e tomou posse em 5 de dezembro de 1960. Os cinco primeiros anos da Guanabara foram marcados pela busca do governador em se firmar como um administrador competente e reconhecido nacionalmente. Tal legitimidade o habilitaria a disputar a sucessão presidencial, para além da consolidada fama de jornalista, bom orador e crítico voraz. Lacerda declarou que teve o desafio de reformular “uma cidade que se fez Estado de repente, por decreto, e não tinha condição para se governar”. Ainda segundo ele próprio, “os problemas foram proclamados, oficialmente insolúveis e que parecia condenada a uma espécie de alegre dissolução”, mas invoca para sua administração o mérito de

Sem perder a sua capacidade de alegria, ela (a cidade do Rio) mergulhou de cabeça no trabalho e está num começo de reconstrução em que as obras valem ainda mais pelo que significam do que pelo que aparentam. Tudo o que se faz no Rio hoje, tem o sentido de uma ressurreição do espírito, de uma criação da inteligência, de uma realização do esforço do homem, do valor da criatura, da capacidade do brasileiro construir seu próprio destino e fazer uma grande Nação como foi capaz de fazer uma grande cidade (Lacerda, 1965, p. 566).

Nesse artigo, publicado no volume organizado por Drummond e Bandeira e que será analisado adiante, Lacerda seguiu o enfoque de relacionar a cidade e o país. O trabalho realizado na Guanabara deveria servir como exemplo para todo o Brasil. O governador, como outros políticos, tinha a percepção da excepcionalidade do estado da Guanabara, que fora palco de eventos importantes da história brasileira, sede de instituições e caixa de ressonância em escala nacional e internacional. Nos primeiros anos da década de 1960,

---

2 A canção, lançada por Aurora Miranda em 1934, ganhou enorme repercussão a partir do carnaval de 1936, sendo executada nos bailes de carnaval e ao longo dos anos. Em 1908, Coelho Netto publicou no jornal *A Notícia* um artigo intitulado “Os sertanejos” que se referiu ao Rio como “Cidade maravilhosa”. Álvaro Moreyra (1991) publicou, em 1923, o livro *Cidade mulher* que retomou a expressão, além de relacionar o Rio com a figura feminina, sedutora e capaz de despertar paixões.

o Rio ainda desempenhou capitalidade política, devido à permanência na cidade de diversas instituições públicas, o que garantia a ela importante lugar de articulação e espaço de eventos políticos.

Um dos principais legados da administração de Lacerda para a cidade foram as muitas obras,<sup>3</sup> como os túneis Santa Bárbara (entre Catumbi e Laranjeiras), Rebouças (Rio Comprido – Cosme Velho – Lagoa) e Major Vaz (em Copacabana, entre as ruas Toneleros e Pompeu Loureiro). Essas realizações foram importantes para a circulação rodoviária e para a facilidade de acesso aos bairros da Zona Sul carioca. Outra medida que contemplou essa região da cidade, especialmente a lagoa Rodrigo de Freitas, foi a polêmica remoção de favelas (da ilha das Dragas, Piraquê e avenida dos Pescadores), além da construção dos conjuntos habitacionais nos subúrbios para as populações que residiam nesses locais. Em seu mandato, o governador também melhorou o abastecimento de água, um dos problemas crônicos da cidade, que recebia críticas bem humoradas de famosas marchinhas. Esse grande volume de obras foi viabilizado por empréstimos realizados com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que denotam a circulação internacional de Lacerda. Ao mesmo tempo, a difícil relação do governador com o presidente João Goulart dificultou a liberação de recursos públicos pelo governo federal.

Formado pelos jardins e pistas do trecho Calabouço, Glória, Flamengo e praia de Botafogo, o Aterro do Flamengo foi uma das obras mais importantes do IV Centenário do Rio de Janeiro. O espaço foi viabilizado pela demolição do morro de Santo Antônio e tornaria-se um dos *landmarks* mais famosos da cidade, apresentado como o Central Park carioca, banhado pela baía de Guanabara, com vista para o morro do Pão de Açúcar.<sup>4</sup> O Aterro conta com 1.200.000 m<sup>2</sup> e em alguns locais com 220 metros de largura. As duas pistas que cruzam o espaço tornaram-se uma das principais vias de acesso rodoviário entre o Centro e a Zona Sul. A paisagem carioca passou por importantes transformações com o objetivo de ampliar o espaço da cidade, viabilizar a circulação e valorizar regiões. Essa obra também remodelou as praias do Flamengo e de Botafogo. Contudo, cabe ressaltar que o arrasamento do morro de Santo Antônio e o aterramento da região foi iniciado no governo de Alim Pedro (1954-1955), inclusive a enseada da Glória foi sede do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado entre 17 e 24 de julho de 1955, considerado como “o maior espetáculo de fé a que assistiu o povo carioca”.<sup>5</sup>

A demolição do morro do Castelo, iniciada na década de 1920 para os festejos do Centenário da Independência, somente foi concluída em 1965, e assim a chamada Esplanada do Castelo foi considerada também uma das obras do IV Centenário. Seus arranha-céus, onde

---

3 Entre 1963 e 1965, a Secretaria de Estado de Obras Públicas foi ocupada pelos engenheiros Enaldo Cravo Peixoto e Marcos Tito Tamoyo da Silva. Este último foi o primeiro prefeito da cidade do Rio de Janeiro após a fusão (1975) do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro.

4 O projeto paisagístico ficou a cargo de Burle Marx, que também foi o responsável pelo Parque do Ibirapuera em São Paulo.

5 *O Cruzeiro*, 5 dez. 1964.

outrora se abrigara o casario colonial, constituíam verdadeiro símbolo da metrópole moderna e da imagem que se pretendia para a cidade.

No jogo político, Lacerda transformou a Guanabara no bastião da democracia contra a administração federal de João Goulart, considerada por ele como esquerdizante e simpática às ideias comunistas. Foi ainda um dos articuladores civis do movimento que derrubou o presidente e instaurou os militares no poder a partir de março de 1964, assim como da ascensão de Castelo Branco como o primeiro presidente.

Nos primeiros dias de 1965, o presidente Castelo Branco recebeu o título de Cidadão Honorário Carioca dado pela Assembleia Legislativa da Guanabara (Aleg). No seu discurso, o presidente afirmou:

Capital do país durante dois séculos, e, portanto, ponto natural de convergência dos filhos de outras regiões, assim como de estrangeiros também atraídos pela vossa condição e as vossas belezas insuperáveis, acostumastes-vos a acolher uns e outros sem, contudo, perder o espírito local. Soubestes ser, concomitantemente, nacional e cosmopolita. De fato, pelo espírito, pelo trabalho, pelas peculiaridades dos seus habitantes, logrou a vossa cidade conservar aquele traço de orgulho nacional ao mesmo tempo em que se mantém profundamente ciosa do seu próprio destino.<sup>6</sup>

O próprio Castelo Branco nasceu em Fortaleza, seguiu carreira na Escola Militar do Realengo, mantendo longo vínculo com a cidade. Ainda nessa mesma visita ao Rio, o presidente visitou a obra da adutora do Guandu, em Bangu, uma das principais obras do governo Lacerda, e o Aterro do Flamengo. Contudo, Lacerda não teve o apoio esperado do governo federal no regime militar. O governador retornou à oposição, função que desempenhou muito bem ao longo de sua trajetória política, e levantou a bandeira da eleição presidencial direta o quanto antes, pois afinal era um dos maiores interessados.

Lacerda, ciente da importância de seu governo na Guanabara para a cidade e para sua trajetória política, vai aproveitar o IV Centenário e o fim de sua gestão para publicar o livro *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*. O volume, sob responsabilidade da Secretaria de Obras da Guanabara, foi idealizado e organizado pelo engenheiro Fernando Nascimento Silva, e contou com a colaboração de Gilberto Ferrez, Lúcio Costa, Mário Barata, entre outros. Segundo o prefácio do secretário de Estado de Obras Públicas Enaldo Cravo Peixoto, o livro teria por “finalidade fixar a história da evolução urbanística do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se buscava pôr em relevo os nomes daqueles que, nesses quatro séculos, contribuíram para seu engrandecimento e progresso” (Silva, 1965, p. 13). Seguindo essa lógica, o artigo “O Rio de Janeiro à época do IV Centenário” enalteceu a trajetória do governador Lacerda:

---

<sup>6</sup> “Castelo Cidadão Carioca visita obras da Guanabara”. *O Cruzeiro*, 9 jan. 1965.

A obra de seu governo que, tendo início no momento difícil, em que o Rio de Janeiro perdia sua posição privilegiada de capital do país, soube elevar o novo estado no conceito de todos brasileiro, atuando em todos os campos da Administração, resolvendo velhos problemas da cidade, tornando melhor a vida de seus habitantes e provando a capacidade de sobrevivência política e econômica do pequeno estado da Guanabara, precisa ser apreciada como um todo para ser compreendida (Silva, 1965, p. 165).

O IV Centenário motivou a produção de variados souvenirs, de capas de discos, a realização de eventos esportivos (como dois torneios de futebol realizados no Maracanã), de eventos de moda, seminários e eventos acadêmicos, exposições, além de suscitar uma série de suplementos e reportagens publicados em importantes veículos da imprensa nacional. O mercado livreiro foi também impulsionado, valendo notar que os livros relacionados ao evento trouxeram o logo idealizado pelo designer Aloísio Magalhães que se tornaria um dos símbolos da comemoração. A Coleção Vieira Fazenda dirigida por Maciel Pinheiro, publicada pela Livraria Brasileira Editora, também deve ser citada, por publicar a quarta edição de *História das ruas do Rio* (1965), de Brasil Gerson, obra de referência sobre a cidade.

A *temporada musical do ano do IV Centenário* (França, 1966) foi um dos livros que merece ser citado, pois contemplou as atrações do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, considerado “o centro artístico por excelência do Rio” (França, 1966, p. 2). Houve incentivo do governo da Guanabara para viabilizar a realização de grandes espetáculos, motivando a afirmação de que “o Rio assumiu a aparência de centro importante de cultura da música” (França, 1966, p. 169). A inauguração da temporada foi realizada no dia 9 de janeiro com *O martírio de São Sebastião*, de D’Annunzio e Debussy. A grande presença do público confirmou 1965 como um dos anos mais importantes para a instituição. Esse livro foi somente dedicado à programação do Teatro e deixou de fora a programação clássica de outros locais, assim como a da música popular.

Outro aspecto importante das comemorações foi o desfile das escolas de samba. Ao longo dos anos, o carnaval foi se constituindo como referencial da cultura carioca, alcançando, em 1965, o reconhecimento de porta-voz das representações sobre o passado da cidade e as perspectivas para o futuro, pois o governo da Guanabara determinou que todas as escolas tivessem como tema o IV Centenário.

A efeméride foi importante momento de definição da identidade urbana. Durante o mandato do governador Lacerda, foi criada a Secretaria de Turismo e a Superintendência do IV Centenário da Cidade, ainda em 1963. Essa estratégia pretendia causar “aos olhos dos turistas estrangeiros, e principalmente dos eleitores brasileiros, (que) a Guanabara deveria aparecer como o principal mostroário do que o Brasil poderia vir a ser” (Motta, 2001, p. 237). Foi justamente essa “dimensão celebrativa, ritualizadora, a que mais resplandece no concerto comemoracionista, faceta esta salientada pela historiografia das comemorações” (Arruda, 2001, p. 97).

## A PRODUÇÃO INTELECTUAL E AS COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DO RIO DE JANEIRO

Eventos comemorativos tradicionalmente tornaram-se um momento oportuno para a indústria livreira publicar diversos títulos específicos, porque “os livros editados nos contextos comemorativos tentam mostrar através da história uma tradição, um passado na história local e pátria, atualizando os temas pertinentes ao presente” (Oliveira, 1989, p. 184).

A histórica capitalidade cultural representada pela cidade do Rio de Janeiro deve-se ao papel-chave que desempenhou e desempenha “como espaço de atração para intelectuais vindos de várias partes do Brasil”. Diversos compositores, músicos e intérpretes, assim como intelectuais, jornalistas, escritores, artistas plásticos, atores, dramaturgos, cineastas, entre outros, vieram construir ou consolidar a carreira nesta urbe. Aqui viveram e teceram suas redes de sociabilidade, pois ser carioca significava mais uma identidade simbólica, um pertencimento sentimental, uma afinidade afetiva ou um registro territorial de nascimento. Oriundos de outras regiões mantiveram vínculos com seus conterrâneos contribuindo com articulações e divulgação de imagens dessa urbanidade (Gomes, 1999). Assim, o Rio foi o local de conexões para várias manifestações artísticas e redes entre diversas esferas culturais locais, regionais, nacionais e internacionais. “Enquanto capital da República [e depois como principal centro cultural], o Rio funcionaria como verdadeiro polo de atração dos mais diferentes grupos que trariam, do restante do país, experiências culturais distintas” (Velloso, 1990, p. 208). O livro *O Rio de Janeiro em prosa & verso* resultou das representações dessas produções artísticas e intelectuais, realizadas por aqueles que nasceram, ou viveram, que passavam temporadas ou que simplesmente passavam pela cidade.

A Livraria José Olympio Editora publicou em 1965 a coleção *Rio 4 Séculos*, com subtítulo “Contribuição às comemorações do 4º centenário de fundação da muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1º de março – 1565-1965)”. Essa coleção foi elaborada num “momento em que a cidade do Rio de Janeiro se redefine no contexto federativo e vê reacender antigas disputas pela hegemonia nacional”, quando vários intelectuais ligados ao Rio “investem na fixação do carioca como a síntese da brasilidade” (Mesquita, 2008, p. 58).

A própria nota introdutória da coleção se intitula “O IV Centenário da cidade-rainha” e tinha por objetivo “apresentar uma série de publicações que fossem o testemunho de sua gratidão à terra sob cuja sombra hospitaleira se desenvolveu” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XXI). Ainda nesse texto, foi rememorado que a Livraria e Editora, fundada em São Paulo, se instalou na cidade no dia 3 de julho de 1934, na rua do Ouvidor, quase esquina com a avenida Rio Branco.

Trata-se de uma coleção memorialística sobre o passado da cidade digno de ser lembrado para o presente e o futuro. Os dois primeiros volumes referem-se à *Aparência do Rio de Janeiro* (notícia histórica e descritiva da cidade), de Gastão Cruls, com prefácio de Gilberto Freyre e revisado por Hélio Vianna. Vivaldo Coaracy escreveu o terceiro volume da coleção, *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*, prefaciado por José Honório Rodrigues. O quarto volume, *Paquetá – imagens de ontem e de hoje*, teve prefácio de Rachel de Queiroz e o sexto volume, *O Rio de Janeiro no século 17*, traz prefácio de Francisco de Assis Barbosa. O quinto

volume da coleção, o livro *O Rio de Janeiro em prosa & verso*, foi organizado por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Esses autores integraram a primeira linha do panteão de personagens que viveram, trabalharam e mantiveram relações pessoais no Rio de Janeiro.

O contrato dos autores com a editora foi firmado no dia 27 de agosto de 1964. Previa inicialmente uma tiragem de quatro mil exemplares, mais 150 para serem distribuídos como publicidade para críticos e jornalistas do país e cinquenta para os organizadores. Bandeira e Drummond receberam “um adiantamento de duzentos mil cruzeiros por ocasião do lançamento do livro, importância essa que será deduzida da primeira prestação de contas”,<sup>7</sup> além de 5% cada do preço vendido nas livrarias.<sup>8</sup> As prestações de contas da editora para Manuel Bandeira permitiram acompanhar a progressão de venda até outubro de 1967.<sup>9</sup> Os organizadores foram responsáveis pela revisão de provas, pelas alterações feitas nas provas, e a importância cobrada pela tipografia seria deduzida dos direitos autorais. A parte material e comercial ficou a cargo da Livraria José Olympio Editora S.A. Os originais foram “datilografados a dois espaços, de um só lado do papel” e os textos foram publicados com a ortografia moderna. O contrato também previa o aumento da tiragem, caso o mercado permitisse.

O livro foi lançado no mês de fevereiro de 1965, por Cr\$ 10.000 cada. Em julho de 1966, tinham sido lançados nove mil exemplares, dos quais quinhentos foram distribuídos para publicidade e aos organizadores e 5.500 haviam sido vendidos.<sup>10</sup> Em setembro de 1967, restavam 2.529 exemplares. Nessa época, o preço era NCr\$ 12,00.<sup>11</sup>

A obra é uma “literatura de memórias – memória dos companheiros, memória dos espaços: as ruas, os bairros, o centro da cidade, as praias, os prédios, as lojas, os restaurantes que desapareceram mas deixaram as suas marcas sobre as histórias de vida” (Szklo, 1995, p. 81-82). Contribuiu para preservar impressões sobre a cidade para o presente e o futuro que não mais a reconhecem. A obra foi pensada como uma autêntica “antologia-reportagem” na qual os autores reuniram o:

Mais expressivo ou característico (que) se escreveu, quer em prosa ou poesia, acerca da vida cidadina e da paisagem que a enobrece – de pessoas, hábitos, fatos e coisas que em quatrocentos anos realizaram o milagre de uma tão amorável atmosfera urbana, criando e aperfeiçoando com o passar do tempo o ser humano carioca, capaz de absorver e decantar todos os resquícios provincianos, para se tornar a mais completa e talvez a mais autêntica encarnação do povo brasileiro (Bandeira; Andrade, 1965, p. XXIII).

---

7 Fundação Casa Rui Barbosa. MB 06 336 DP Contratos (5).

8 O salário mínimo valia Cr\$ 42.000. Disponível em: <<http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

9 Fundação Casa Rui Barbosa. MB 06 336 DP Contratos (5).

10 Idem.

11 O salário mínimo valia NCr\$ 105,00. Disponível em: <<http://www5.jfpr.jus.br/ncont/salariomin.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

O conhecimento de Bandeira e Drummond sobre a produção bibliográfica que trata a cidade tornou-se evidente pela variedade de autores e ângulos priorizados. Contudo, resultou em uma escolha, um enquadramento que contribuiu para demarcar referências para a nação e para o exterior. A cidade “como paisagem e como expressão humana pode ser realmente considerada uma espécie de mostuário do Brasil” (Veríssimo, 1965, p. 71).

A atração despertada e o acolhimento oferecido a pessoas de todo lugar, desde o século XVI, podem ser uma marca do Rio de Janeiro. Confirmando esse traço, vale lembrar que o poeta Manuel Bandeira era pernambucano do Recife, o poeta Carlos Drummond de Andrade era mineiro de Itabira e os editores eram paulistas de Batatais, mas na cidade esses intelectuais se estabeleceram, criaram e consolidaram suas carreiras, se tornando “autênticos cariocas” que contaram e divulgaram a cidade em sua produção bibliográfica e editorial.

Os organizadores frisaram na apresentação que a obra seria “menos antologia do que reportagem sobre a grande pessoa viva que é o Rio de Janeiro – reportagem de muitos autores, explorando muitos temas, em quatro séculos de existência da cidade” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XLIV).

A história, a paisagem, os costumes e o “modo de ser” cariocas foram alguns dos temas abordados por textos literários, letras de música e matérias jornalísticas, pois segundo os próprios organizadores “a alma do Rio pousa em uns e outros escritos, e para captá-la na variedade de suas expressões é indispensável dilatar o campo de visão e a curiosidade de ver” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XLIV).

Assim essa obra foi uma compilação de “flagrantes do Rio de hoje, de ontem e dos primeiros tempos, colhidos pelo padre catequista, pelo viajante estrangeiro, pelo sociólogo, pelos poetas, pelos cronistas do dia e da noite, por todos a quem seduziu a ideia de dar testemunho do Rio, depois de lhes haver seduzido o gosto de viver no Rio” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XLIV).

Algumas abordagens não privilegiaram apenas admiração pela cidade ou prazer por nela viver, pois se falou “mal do Rio querendo bem ao Rio” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XLIV). Também sobre isso, os organizadores foram perspicazes ao afirmar as “feições não idílicas da cidade, pois não se quer difundir a impressão de que este é o *paraíso terrestre*, e de que todos os seus habitantes são anjos” (Bandeira; Andrade, 1965, p. XLIV).

A organização do volume procurou focar diversos ângulos da Guanabara, tanto aspectos físicos (praias e montanhas), urbanos (bairros, ruas e construções), sociológicos, como humor, afetividade, religiosidade, sentimento orgiástico, vocação política, linguagem, quanto a sociabilidade dos moradores nos meios de transportes, nos espaços de lazer, no carnaval e no estádio.

Os textos foram apresentados na íntegra ou em fragmentos com títulos elencados pelos organizadores, mas a referência bibliográfica completa está nas fontes. Os contos e romances dos ficcionistas ficaram de fora dessa coletânea devido à vastidão deste material, contudo seus autores tiveram crônicas contempladas. Alguns escreveram especialmente para essa publicação, como Sérgio Porto que escreveu “Vocábulos e expressões da gíria carioca em uso no ano da graça de 1965”, integrante do tópico “O carioca inventa linguagem”. Sér-

gio Porto considerava a grande importância do linguajar popular para a cidade (Mesquita, 2008). Na carta que escreveu para Drummond, em 29 de dezembro de 1964, desculpou-se pela demora em enviar o material, e negociou que palavras deviam ser incluídas e que não deviam ser cortadas.

O tópico “Rio, capital Rio” se refere à capitalidade carioca e à mudança da capital política. O primeiro texto é de autoria de Machado de Assis, escrito em 1896, intitulado “No futuro, o estado da Guanabara” (Assis, 1965, p. 497-499). O escritor carioca tece comentários sobre as discussões na Câmara dos Deputados acerca do projeto de construção da nova capital no planalto de Goiás, os discursos favoráveis ao papel de capital dado pelos “tempos e a história” e o alegado perigo do cosmopolitismo da cidade. Ele lamentou a falta de oposição dos cariocas à proposta, não expôs “o seu passado, nem o seu presente, nem o seu provável futuro, não examinou se as capitais são ou não obras da história”. Concluiu que a cidade achava “que não devia ser capital da União”, e frente a essa posição, Machado concordava com a hipótese da transferência. Ainda segundo o escritor, o Rio ainda seria

A nossa Nova Iorque [...]. Não levarão daqui a nossa vasta baía, as nossas grandezas naturais e industriais, a nossa rua do Ouvidor. Cá ficará o gigante de pedra, memória da quadra romântica, a bela Tijuca, descrita por Alencar em uma carta célebre, a Lagoa Rodrigo de Freitas, a enseada de Botafogo, se até lá não estiver aterrada, mas é possível que não; salvo se alguma companhia quiser introduzir (com melhoramentos) os jogos olímpicos, agora ressuscitados pela jovem Atenas... Também não levarão as companhias líricas, os nossos trágicos italianos (Assis, 1965, p. 498).

A cidade manteria o status de urbe símbolo da nação, bem como os aspectos físicos que a tornaram famosa, os locais de sociabilidade e as atividades culturais. As possíveis mudanças da paisagem seriam motivadas por grandes eventos, vale lembrar que Machado escreveu o texto no ano em que foi realizada a primeira Olimpíada da era moderna. Ainda imaginou o impacto desse tipo de evento para o espaço urbano, uma possível ponte metálica ligando o Rio à Niterói e a capital federal como capital dos fluminenses num estado chamado de Guanabara.

O texto seguinte coube a Carlos Drummond de Andrade, escrito pouco antes da mudança da capital. O escritor mineiro afirmou: “Minha cidade do Rio,/ Meu castelo de água e sol,/ A dois meses de mudança/ Dos dirigentes de prol;/ Minha terra de nascença/ Terceira, pois foi aqui,/ Em êxtase, alumbramento,/ Que o mar e seus mundos vi” (Andrade, 1965, p. 499).

Drummond reafirmou a cidade do Rio como local de pertencimento, onde descobriu novos horizontes. Do espaço urbano, dos hábitos cariocas e dos moradores destacou as “favelas portinarescas/ Onde o samba se arredonda”; o claustro de São Bento; o futebol carioca; os bairros do Andaraí, Méier, Gávea e Tijuca; as ruas de Botafogo; o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o Jardim Botânico; assim como “minha igreja do Outeiro (da Glória),/ Que Rodrigo (Melo Franco de Andrade) zela tanto,/ E entre cujos azulejos/ Esvoaça o Espírito Santo” (Andrade, 1965, p. 500).

Vinícius de Moraes encerrou esse tópico com texto no qual se posicionou favoravelmente à criação do estado da Guanabara. O poeta compositor defendeu a importância da designação carioca ao invés de “guanabarino ou guanabarense” para os naturais e habitantes da cidade, pois

Um carioca que se preza nunca vai abdicar de sua cidadania. Ninguém é carioca em vão. Um carioca é um carioca. Ele não pode ser nem um pernambucano, nem um mineiro, nem um paulista, nem um baiano, nem um amazonense, nem um gaúcho. Enquanto que, inversamente, qualquer uma dessas cidadanias, sem diminuição de capacidade, pode transformar-se também em carioca; pois a verdade é que ser carioca é antes de mais nada um estado de espírito. Eu tenho visto muito homem do Norte, Centro e Sul do país acordar de repente carioca, porque se deixou envolver pelo clima da cidade e quando foi ver... kaput! Aí não há mais nada a fazer. Quando o sujeito dá por si está torcendo pelo Botafogo, está batendo samba em mesa de bar, está se arriscando no lotação a um deslocamento de retina em cima de Néelson Rodrigues, Antônio Maria, Rubem Braga ou Stanislaw Ponte Preta, está trabalhando em TV, está sintonizando para Elisete (Moraes, 1965, p. 501-502).

O carioquismo era e é “mais que ter nascido no Rio, é ter aderido à cidade e só se sentir completamente em casa, em meio à sua adorável desorganização” (Moraes, 1965, p. 502). Outras condições se colocam a essa cidadania, como ser notívago; trabalhar com olho no “telefone, de onde sempre pode surgir um programa”; dar mais importância ao amor que ao dinheiro e flanar pela cidade.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Redondilhas do “Fico” [1960]. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 499-501.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: EDUSC, 2001.

ASSIS, Machado de. No futuro, o estado da Guanabara [1896]. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 497-499.

BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

FRANÇA, Eurico Nogueira. *A temporada musical do ano do IV Centenário*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, 1966.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio, modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

LACERDA, Carlos. E chegamos ao IV Centenário [1964-1965]. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 564-566.

MESQUITA, Claudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

MORAES, Vinicius de. Quando a capital se vai [1960]. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 501-502.

MOTTA, Marly. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 172-189, 1989.

\_\_\_\_\_. Imaginário histórico e poder cultural. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 183-202, 2000.

SILVA, Fernando Nascimento (dir.). *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*. Rio de Janeiro: Record, 1965.

SZKLO, Gilda Salem. Drummond e Bandeira, os cronistas poetas. In: RESENDE, Beatriz (org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995, p. 77-96.

VERÍSSIMO, Érico. Todos os tipos de paisagem [1945]. In: BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 68-71.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 207-228, 1990.

---

Recebido em 28/11/2014

Aprovado em 19/1/2015